



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Antirracismo e Serviço Social

**ENEGRECENDO O SERVIÇO SOCIAL: UM RESGATE DAS CONTRIBUIÇÕES DO CONJUNTO
CFESS/CRESS E ABEPSS NO DEBATE RACIAL**

GILDETE FERREIRA DA SILVA¹

ANDRÉA PACHECO DE MESQUITA²

CATARINA NASCIMENTO DE OLIVEIRA³

RESUMO

O presente artigo objetiva debater as questões étnico-raciais no serviço social, trazendo o recorte histórico das contribuições do conjunto CFESS-CRESS e da ABEPSS sobre o tema, visto que o mesmo vem investindo no protagonismo destes debates desde 2010, marco em que a categoria passa a dar visibilidade a temática realizando diversas atividades e campanhas de combate ao racismo.

Palavra-chave: Racismo; Serviço Social; CFESS; ABEPSS.

ABSTRACT

This article aims to debate ethnic-racial issues in social work, bringing the historical outline of the contributions of the CFESS-CRESS and ABEPSS groups on the topic, as it has been investing in the leading role in these debates since 2010, a milestone in which the category starts to give visibility to the topic by carrying out various activities and campaigns to combat racism.

Keywords: Racism; social work; CFESS; ABEPSS.

Introdução

Ao longo da história da sociedade brasileira é possível perceber as desigualdades de gênero e raça, inclusive expressas nas legislações brasileiras que reforçam e naturalizam essas

¹ Universidade Federal de Alagoas

² Universidade Federal de Alagoas

³ Universidade Federal de Sergipe



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desigualdades. O patriarcado e o racismo se atualizam na falsa ideia de superação, contudo, apenas assumem uma “nova roupagem” para tornarem-se mais “invisíveis” — o que significa uma renovação das estratégias para garantir e reforçar a sua continuidade no mundo moderno. Por isso, torna-se fundamental elucidá-los para enfrentá-los, na relação teoria-prática. Visto que, apesar de já termos avançado em algumas questões sobre igualdade racial e de gênero, ainda há uma longa jornada a percorrer dentro dessa sociabilidade capitalista, intrinsecamente racista e patriarcal.

Na esteira do desenvolvimento do capitalismo monopolista no Brasil surge o Serviço Social, nos meados da década de 1930 e é regulamentada em 1957 com a lei 3252. Os anos de 1960 configura-se como um momento de muitos debates teóricos, metodológicos, éticos e políticos acerca da profissão a qual ficou conhecida como Movimento de Renovação no Brasil e Movimento de Reconceituação na América Latina. Esse caloroso debate, em meio a uma ditadura civil-militar que acontecia no Brasil e em alguns países da América Latina tiveram muitas limitações, mas também muitos avanços o que serviu como uma grande base de construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social e as legislações (Lei de Regulamentação da Profissão e Código de Ética Profissional, ambos de 1993) que dão materialidade a essa perspectiva. Este novo projeto de serviço social traz em seus princípios a liberdade como centralidade, a defesa intransigente dos direitos humanos e a negação das opressões, da exploração e da dominação de classe, raça e gênero, assumindo o compromisso na construção de uma sociedade emancipada como horizonte. Apesar desse projeto coletivo ser incisivo em seus princípios, ainda convivemos com um silêncio ensurdecido acerca das reproduções de racismos e sexismos dentro da formação e do exercício profissional. É urgente a ampliação desse debate sobre Serviço Social, capitalismo, racismo e patriarcado para que possamos compreender as raízes da questão social brasileira e enfrentar essa realidade com fundamentação teórica e organização política.

A recente pesquisa realizada pelo Conjunto CFESS/CRESS, ao traçar o perfil de nossa categoria, identifica uma profissão formada em sua maioria por mulheres (92%), com um aumento quantitativo de pessoas que se autodeclararam negras/pretas/pardas (50%), com salário predominantemente baixos de até R\$ 3.000,00 (56%), possuindo apenas um vínculo (71%), mas, que em sua maioria já tem garantindo a jornada das 30 horas semanais (52%).

Dito isso, esse trabalho tem o objetivo de trazer para o centro do debate a afirmação de que o Serviço Social tem gênero, tem raça, tem classe e tem sexualidades. E desta forma,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

reforçar a importância das campanhas trazidas pelo conjunto CFESS/CRESS e pela ABEPSS na construção coletiva de uma agenda pública Antirracista no Serviço Social.

2. A categoria profissional e a importância de suas pesquisas e campanhas em defesa do antirracismo: uma categoria com gênero, raça e classe.

Profissão historicamente feminina, o Serviço Social ainda mantém esse perfil. Segundo dados da pesquisa de 2022 “PERFIL DE ASSISTENTES SOCIAIS NO BRASIL: FORMAÇÃO, CONDIÇÕES DE TRABALHO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL”, o panorama nacional trazido pela pesquisa mostra que de um total de 44.212 profissionais que participaram da pesquisa, 92,5% corresponde ao público feminino.

A tabela abaixo demonstra a questão do pertencimento étnico-racial das/dos profissionais que nos mostra um quantitativo 50,34% da nossa categoria profissional se auto declara como Preta/Negra/Parda:

Tabela 1- Pertença Étnico-racial com agrupamento de Negra/Preta/Parda

| Pertença étnico-racial | Assistentes Sociais | |
|------------------------|---------------------|----------------|
| | Frequência | % |
| Preta/Negra/Parda | 22.255 | 50,34% |
| Branca | 20.771 | 46,98% |
| Amarela | 819 | 1,85% |
| Indígena | 140 | 0,32% |
| Outra | 227 | 0,51% |
| TOTAL | 44.212 | 100,00% |

Fonte: “PERFIL DE ASSISTENTES SOCIAIS NO BRASIL: FORMAÇÃO, CONDIÇÕES DE TRABALHO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL” - CFESS, 2022.

Estes dados por si só já revelam a importância do debate étnico-racial em uma profissão que tem mais de 50% das profissionais que se autodeclaram negras (pretas e pardas). De acordo com Eurico (2017), cabe às/aos cientistas sociais problematizar a realidade do preconceito e da discriminação étnico-racial enfrentada pela população negra, buscando maneiras de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

enfrentamento coletivo diante desta realidade, que é produzida pelo modo de produção capitalista. Diante de tal cenário, temos a importante atuação do Serviço Social, uma profissão que se alimenta da teoria marxista como referencial teórico para realizar suas análises sobre a realidade social. As análises da formação sócio-histórica brasileira, da questão social e de suas expressões, das lutas da classe trabalhadora carecem de analisadas trazendo os elementos do racismo e do patriarcados que são funcionais ao capitalismo. Entender o racismo e o patriarcado como estruturantes da sociedade capitalista foi fundamental para a entrada deste debate no serviço social.

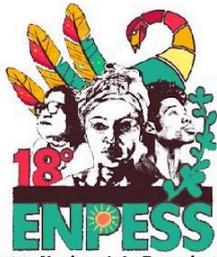
Assim podemos dizer que a relação entre o Serviço Social e a questão racial se pauta em três pressupostos de análise,

[...] 1) embora esteja em ascensão no Serviço Social, a questão racial não é um debate novo, nem um fenômeno recente que atravessa o universo profissional. 2) a questão racial, vista como elemento estrutural, é parte do processo de da formação social e do desenvolvimento capitalismo dependente brasileiro, em sua particularidade, e compõem a dinâmica das relações sociais de produção e reprodução do capital, na qual o serviço social é parte. 3) A radicalidade do debate racial, vale esforços em apreendê-lo como parte da totalidade e historicidade - portanto, seus aspectos que o colocam como parte inerente ao constructo da sociedade moderna capitalista em seu movimento da luta de classes (Elpidio; Valdo, 2022, p. 320).

Em relação às aproximações do debate da questão racial no exercício e na formação profissional, temos alguns esforços para dar materialidade à temática. De acordo com Marques Júnior (2013), foi a partir do 6º CBAS, realizado em 1989, que tivemos as primeiras contribuições acerca do debate racial. A conjuntura política, a mobilização e fortalecimento do movimento negro que vinha em crescente mobilização, no que se refere ao debate racial, foram favoráveis para que a temática viesse a fazer parte da ordem do dia.

Durante o referido evento foram apresentadas duas teses, uma de autoria de Maria José Pereira, Matilde Ribeiro e Suelma Inês Alves de Deus, com o tema *A questão racial enquanto elemento de uma prática transformadora*, e outra de autoria de Magali da Silva Almeida e Fátima Cristina Rangel Sant'Ana, com o tema *O Serviço Social e os bastidores do racismo*. Ambas as teses traziam consigo que, para entender a questão de classe, se fazia necessário entender a questão racial.

Ainda de acordo com Marques Júnior (2013), em 1998 o CBAS deixou de ter



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

apresentações de teses e passou a se dar na modalidade de comunicação oral e pôster. Foi criado o eixo que se refere às questões raciais, com a nomenclatura de “Etnia e Gênero”. Nesse primeiro momento tivemos apenas dois trabalhos, um deles de autoria da professora Magali da Silva Almeida, a precursora no evento no que se refere ao debate racial, com o tema *O imaginário como criação: o Candomblé como resistência*, com o objetivo de analisar o potencial do “imaginário negro brasileiro na instituição do candomblé no Brasil”. O segundo trabalho foi de Rosana Mirales, sob o título de *A identidade quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva*. A autora trazia quilombolas como uma categoria, categoria esta que estava se desenvolvendo desde o final da década de 1980, e que ganhava impulso através da necessidade dessas comunidades defenderem a posse de suas terras frente aos invasores de toda ordem.

Segundo Eurico *et al.* (2021), em relação à discussão étnico-racial na Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), ela tem seu debate incorporado a partir de 2010, durante o IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS), com a criação dos Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs). Esses grupos temáticos foram divididos em 7 áreas, das quais uma delas foi o eixo que abordava Classe Social, Gênero, Raça/Etnia, Geração, Diversidade Sexual e Serviço Social. Em 2018 o GTP passa por uma nova reformulação, com a necessidade de nova ênfase que seria a dos feminismos, tornando-se o GTP Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades.

No que se refere aos materiais produzidos no âmbito da formação profissional, temos enquanto referência o documento elaborado pela ABEPSS na gestão 2017-2018 – *Quem é de luta resiste!*, chamado *Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social*.

FIGURA 1 – Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social



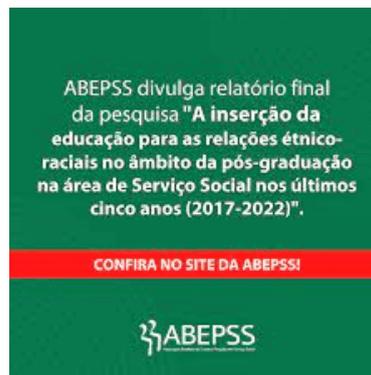
Fonte: ABEPSS,2018.

O documento objetiva pôr a compreensão acerca dos conceitos de raça/etnia, pois entende-se que o debate é fundamental para analisar as expressões da questão social,

[...] na dialética da formação social brasileira. A premissa inicial proposta nesse documento é contribuir na construção desse conceito para o entendimento da relação entre raça/etnia e classe como estrutural e estruturante das relações sociais, considerando que o racismo é uma das fundamentais dessas relações no Brasil (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, 2018, p. 13).

Em termos do debate na formação temos também a pesquisa *A inserção da educação para as relações étnico-raciais no âmbito da pós-graduação na área de Serviço Social nos últimos cinco anos (2017-2022)*, realizada pela ABEPSS em parcerias com os Programas de Pós-graduação (PPGs), configurando-se como um rico material para análise do debate racial no âmbito da pós-graduação.

FIGURA 2 – A inserção da educação para as relações étnico-raciais no âmbito da pós-graduação na área de Serviço Social nos últimos cinco anos (2017-2022)



Fonte: Produção própria a partir do site da ABEPSS,2022.

Também temos, ainda em 2022, a criação da Plataforma antirracista da ABEPSS, um espaço que reúne diversos materiais com foco no debate racial na formação profissional.

Em sintonia com este movimento de trazer o debate de raça para o Serviço Social, no ano de 2020 temos uma campanha do conjunto Conselho Federal de Serviço Social e Conselhos Regionais de Serviço Social (CFESS-CRESS) que traz para o centro do exercício profissional o debate do enfrentamento ao racismo, com o intuito de dar visibilidade à cultura e à luta do povo negro, assim como debater e enfrentar, no cotidiano profissional, uma postura antirracista e realizar a denúncia dos crimes de racismos.

O trabalho de assistentes sociais tem relação direta com as demandas da população negra que reside nos morros, nas favelas, no sertão, no campo e na cidade. Assistentes sociais estão nos serviços públicos como os de saúde, educação, habitação e assistência social, que devem ser garantidos para toda a população. O combate ao preconceito é inclusive um compromisso do Código de Ética dos/as Assistentes Sociais. Por isso, a campanha de Gestão (2017-2020) do Conselho Federal de Serviço Social e dos Conselhos Regionais de Serviço Social (Conjunto CFESS-CRESS), Assistentes Sociais no Combate ao Racismo, aprovada no fórum máximo deliberativo da categoria em 2017, tem o intuito de debater o racismo no exercício profissional de assistentes sociais .

No âmbito do Conjunto CFESS-CRESS temos as seguintes Campanhas:



Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

FIGURA 3 – Campanhas conjunto CFESS-CRESS

| | |
|------|------|
| | |
| 2010 | 2011 |
| | |
| 2012 | 2013 |



Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

| | |
|------|------|
| | |
| 2014 | 2017 |

Fonte: Produção própria a partir do site do CFESS

FIGURA 4 – Campanhas conjunto CFESS-CRESS

| | |
|------|------|
| | |
| 2018 | 2019 |



Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

| | |
|-------------|---|
| | <p>Seja no tripé ensino-pesquisa-extensão, seja na prática profissional... O COMPROMISSO ANTIRRACISTA DE ASSISTENTE SOCIAL É ESSENCIAL!</p> <p>20 NOV DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA</p> |
| <p>2020</p> | <p>2021</p> |
| | <p>Conheça a Resolução CFESS 1054/2023!</p> |
| <p>2022</p> | <p>2023</p> |

Fonte: Produção própria a partir do site do CFESS

Outra ação importante do CFESS foi a campanha 2018-2020 *Assistentes Sociais no Combate ao Racismo*, que além de criar uma Plataforma⁴, também confeccionou diversos cartazes em alusão, como podemos ver abaixo:

FIGURA 5 – Cartazes da campanha “Assistentes sociais no combate ao racismo”

⁴ Disponível em: <http://servicosocialcontraracismo.com.br>



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social



Fonte: Produção própria a partir do site do CFESS



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

FIGURA 6 – Cartazes da campanha “Assistentes sociais no combate ao racismo”



Fonte: Produção própria a partir do site do CFESS

Essa plataforma da campanha antirracista conta ainda com diversos materiais voltados à formação e ao exercício profissional: o selo da campanha, panfletos, modelo de camisas, *bottons*, cartazes, vídeos e a agenda de atividades feitas durante o período da campanha. Para o CFESS, o objetivo da campanha, conforme explicitado na plataforma, é: “Ao dar centralidade a este debate, queremos incentivar a promoção de ações de combate ao racismo no cotidiano profissional de assistentes sociais, ampliando a percepção sobre as diversas expressões de racismo”.

O debate racial no âmbito da formação e do exercício profissional é um passo importante para que possamos construir um Serviço Social antirracista, bem como entender as intersecções necessárias para analisar a profissão a partir do solo histórico da constituição de uma sociedade capitalista, racista e patriarcal.

Como dito anteriormente, o Serviço Social é uma categoria majoritariamente composta por mulheres, aspecto visível desde a universidade e comprovada pela pesquisa *Assistentes Sociais no Brasil*, realizada pelo conjunto CFESS-CRESS em 2005⁵:

⁵ Esta pesquisa teve indicado um total de 61.151 profissionais com inscrição ativa em todo o território nacional.

De acordo com a pesquisa “Assistentes Sociais no Brasil”, realizada em 2005 pelo CFESS, a profissão é composta majoritariamente por mulheres (pouco mais de 90%). O estudo confirma a tendência de inserção do serviço social em instituições de natureza pública, com quase 80% da categoria ativa trabalhando nessa esfera.

A Pesquisa de 2022 também confirmou esse perfil de gênero, apontando o Serviço Social como uma profissão eminentemente feminina, conforme explicita:

Do universo total pesquisado, 41.083 profissionais ou 92,92%, se identificam com o gênero feminino, enquanto 3.083 destes, ou 6,97%, têm identificação com o sexo masculino. “Outras expressões de Gênero”, diferentes das anteriores, foi a resposta de 46 Assistentes Sociais, correspondendo a 0,10%.

Diante dos resultados destas pesquisas, o conjunto CFESS-CRESS realizou, no ano de 2022, uma campanha com o mote *Trabalhadoras do Brasil: somos e lutamos com elas*, trazendo para o centro do debate da profissão a defesa dos direitos e da liberdade democrática, com ênfase no fato da categoria profissional ser majoritariamente composta por mulheres.

Esse é um pouco do percurso de nossas entidades tanto no debate racial como no debate de gênero. Sabemos que ainda temos muito a caminhar mas seguimos firmes sabendo que estamos no caminho necessário para dar materialidade ao nosso Projeto Ético-Político. Temos também as publicações dos CRESS e das unidades de ensino que não pesquisamos e que seguiram essa proposta de trazer o debate étnico-racial para o centro do debate.

Algumas considerações

Neste sentido, é importante afirmarmos a dimensão ético-política do Serviço Social e levantarmos uma discussão que sempre esteve presente em nossa profissão: de qual Serviço Social estamos falando? Para qual sociedade? Daí poderemos reafirmar nossa condição de protagonistas de um projeto profissional calcado em valores, princípios e diretrizes inerentes a um dado projeto societário — o de uma sociedade emancipada e radicalmente humana, como afirma Mota (2012).

Fazer esses questionamentos é fundamental para a formação e para o exercício profissional, visto que, numa sociedade de classes, toda e qualquer ação tem sua dimensão política e por isso não há neutralidade possível, mas contradições econômicas e políticas que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

perpassam o antagonismo entre as classes sociais. Classes estas que têm gênero e raça, demandando uma análise concreta de seus significados históricos, teóricos, econômicos, políticos, sociais e culturais. Como bem expressam Lamamoto e Carvalho, “[...] é a existência e compreensão desse movimento contraditório que, inclusive, abre a possibilidade para o Assistente Social colocar-se a serviço de um projeto de classe alternativo àquele para o qual é chamado a intervir” (2006, p. 94).

Assim, o Serviço Social, que trabalha diretamente com as expressões da questão social, não pode perpetuar essa cegueira de raça e de gênero ao analisar os sujeitos de sua intervenção e ao analisar a si próprio. A classe trabalhadora não é um ser amorfo, ela tem gênero e raça e esses elementos são estruturais e estruturantes dos lugares por ela ocupados na sociedade. Dito de outro modo, dos “não lugares”, das ausências de direitos e de políticas públicas, das violências cotidianas de gênero e de raça, do extermínio da população negra, da negação da cidadania e do direito de existir aos quais estão submetidas as mulheres e a população negra.

Debater as questões étnico-racial no Serviço Social é, como diz Lamamoto (2021), voltar ao Serviço Social e fazer as pazes com a nossa própria história. É urgente falar, pesquisar e dar visibilidade a estas questões, que foram negadas no percurso histórico da nossa profissão, silenciadas e apagadas pelas canetas eurocêntricas que guiam a ciência, as universidades, a sociedade e as relações sociais no contexto de um capitalismo dependente, periférico e colonial.

REFERÊNCIAS

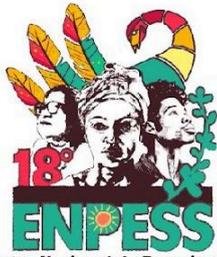
ABEPSS. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL

(ABEPSS). **Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social**. Vitória: ABEPSS, 2018. Disponível em:

https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf. Acesso em: 11 jun. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Perfil de Assistentes Sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional**. Brasília:CFESS, 2022.

EURICO, Marcia Campos. Da Escravidão ao Trabalho Livre:: contribuições para o trabalho do assistente social. *SER Social*, Brasília, v. 19, n. 41, p. 414–427, 2018. DOI:



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

10.26512/ser_social.v19i41.14947.

Disponível

em:

https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14947. Acesso em: 20 ago. 2024.

GRUPO TEMÁTICO DE PESQUISA DA ABEPSS SERVIÇO SOCIAL, RELAÇÕES DE EXPLORAÇÃO/OPRESSÃO DE GÊNERO, FEMINISMOS, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES *et al.* Formação em Serviço Social: relações patriarcais de gênero, feminismos, raça/etnia e sexualidades. **Temporalis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 293-303, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/37235>. Acesso em: 3 dez. 2023.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil*: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2006.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; SANTOS, Cláudia. M. **A História pelo avesso**: a reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais. São Paulo: Cortez, 2021.

MARQUES JUNIOR, J. S. Questão Racial e Serviço Social: um olhar sobre sua produção teórica antes e depois de Durban. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 13, n.1, 2013.

MOTA, Ana Elizabete. Questão social e Serviço Social: um debate necessário. In: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL; Ângela; PERUZO, Juliane. O novo desenvolvimentismo e as políticas sociais na América Latina. In: MOTA, Ana Elizabete (Org.). *Desenvolvimentismo e construção de hegemonia: Crescimento econômico e reprodução da desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2012.